

## Sobre o momento, e a necessidade de recolher fundas Ver novas todas as coisas em Cristo

Fernando Guidini<sup>1</sup>

31 de Julio, 2021



Recentemente, a Companhia de Jesus nos motivou à celebração do Ano Inaciano: 500 anos da conversão de Santo Inácio, e 400 anos da sua canonização. Com o lema “Ver novas todas as coisas em Cristo” e em um contexto pedagógico, estamos sendo motivados a nos rever como humanos, cristãos e educadores inacianos naquilo que fizemos, que fazemos e que ainda poderemos fazer pela missão evangelizadora da Igreja. Mais do que grandes festividades, o Ano Inaciano tem nos provocado à ação comprometida a partir das quatro grandes Preferências Apostólicas: mostrar o caminho para Deus; caminhar junto com os pobres, os descartados do mundo; acompanhar os jovens na criação de um futuro esperançoso; o despertar para uma maior sensibilidade com a Casa Comum.

---

<sup>1</sup> Diretor Acadêmico do Colégio Medianeira Curitiba - Brasil

Atenta às sensibilidades desse Ano, a Pedagogia da Companhia de Jesus, em seu grande horizonte de formação integral, tem igualmente nos motivado à reflexão e à ação mais compromissada para com a educação que seja libertação e esperança neste século XXI. Como uma tradição viva e em contínuo exercício de discernimento, estamos sendo provocados a como educar para a fé, para o aprofundamento, para a reconciliação e para a cidadania global. Já no Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, o direcionamento nos é claro: nas instituições educativas da Companhia de Jesus, a aprendizagem se dá na perspectiva do desenvolvimento pleno do sujeito (N29).

Nesse grande horizonte de celebrações, motivações e direcionamentos, a proposta local do Colégio Medianeira educa para a excelência, contribuindo com a formação de cidadãos conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. Atentos ao movimento da cultura, o Medianeira integra ao seu projeto os 64 anos de tradição e experiência pedagógica, inovando e atualizando a sua proposta curricular em vista de uma educação para toda a vida. Compreendemos que o sucesso da educação aqui oferecida é medido pela forma como nossos formandos comprometem as suas vidas nas décadas seguintes, com e para os demais.

É nesse contexto que atuamos como educação inaciana. Nesse ano de pandemia e pelos caminhos de Inácio, nossa pedagogia tem sido desafiada a responder às características do momento, atenta aos movimentos de um presente-futuro ainda incerto. Como Diretor Acadêmico, tenho sido constantemente provocado à leitura da realidade e à opção pelo melhor caminho pedagógico a ser seguido: que mundo é esse, e como nos posicionaremos como educação local?

Considero que as leituras de contexto sejam abundantes nesse momento histórico. A ciência pedagógica, bem como a teoria sociológica, tem nos auxiliado a ler os cotidianos da educação, auxiliando-nos a optar pelo melhor caminho a ser trilhado. Considero que são inúmeros os pensadores, cientistas e professores que têm trabalhado para que o véu da ignorância não aumente ainda mais. Há anúncios de anos e gerações perdidas, categoria de análise que considero não seja a melhor.

Então, como recolher o espírito do tempo e apontar direcionadores? Que educação, que aprendizagens, que novos paradigmas apresentaremos aos que confiam seus filhos à educação da Companhia de Jesus?

Embasado sobre o macro horizonte acima exposto, e fundamentando-me sobre o princípio da educabilidade na relação homem-cultura, em um contexto de exercício pedagógico inaciano, e tendo como modo de proceder o discernimento, considero que somos impelidos à crítica reflexiva para além da *energéia* (do grego - interpretação), movendo a investigação do indeterminado ao determinado. É certo que os passos da pedagogia inaciana nos conduzem à ação. Nesse sentido, gostaria de fazer um exercício, elencando algumas tendências em educação que analisava antes da pandemia, com traços dentro do nosso Colégio:

- **O protagonismo estudantil:** era visível o lugar de uma aprendizagem ativa, com formação para autonomia e cidadania amplas, interconectada entre comunidades. Criatividade, abertura ao novo, adaptabilidade e resolução colaborativa de problemas. Pensamento capaz de articular o local e o global.
- **Flexibilizações curriculares e transdisciplinaridade:** pensar complexo – da biologia à teoria do conhecimento. Observava a existência de saberes integrados, pensamento sistêmico, aprendizagem por problemas, continuidade e integralidade pedagógica.
- **Tecnologias e culturas digitais:** em uma sociedade digital e interconectada, era visível a consciência de que as aprendizagens aconteciam também mediadas pelas redes e suas múltiplas possibilidades, articulando novas possibilidades e conhecimentos às práticas pedagógicas.

Em meu cotidiano, observava evidências de três grandes dimensões: uma antropossociológica (personalização); outra pedagógica (currículo), e uma terceira relacionada ao meio (tecnologias). Em nosso Colégio, o que fizemos ao longo dos últimos anos, de diferentes formas, assentava-se sobre esses grandes referenciais. A partir deles,

observo que definimos e atualizamos os direcionadores do Projeto Político-Pedagógico em seus conceitos fundantes (missão, visão, princípios e valores, concepção de aprendizagem integral, dimensões estruturantes), além de toda Proposta Pedagógico-Curricular em nível de estrutura e prática (conceitos, conteúdos centrais e periféricos, aprendizagens nas três dimensões, método e avaliação). O Projeto Educativo Comum (PEC) da RJE adquiriu *ethos* local por meio de inúmeras traduções realizadas pelo conjunto de educadores.

A partir do vivenciado neste 2020-2021, e dialogando com as análises expostas, parece-me ser importante irmos além, incluindo ao exercício outras três tendências. São elas:

- **O investimento em um pensar de nível superior.** Mais do que discursos, a necessidade de educar para o pensar, um pensar crítico e reflexivo, com fatores diretivos e atrelados às práticas, às dimensões da existência e da cultura. Mais do que aprendizagens descritivas, precisaremos de aprendizagens compreensivas, na defesa da vida. Aprendizagens profundas e que resultem em sabedoria de vida. Considero ser esse um dos grandes desafios do futuro, dado o atual contexto econômico, societário, tecnológico, as novas formas de expressão do capitalismo, as novas profissões, as novas formas de exclusão social e humana, as novas formas de aprender, muitas delas sem profundidade. Um pensar que possibilite leituras situadas e comprometidas de realidade, tematizando competências, hábitos e valores.
- **A necessidade de aceleração sobre os processos de inclusão digital de professores e estudantes.** O contexto dessa dimensão é delicado, pois praticamente não o temos como grande desafio, dado o público e contexto a partir do qual trabalhamos. No entanto, temos consciência de que quase 01 bilhão de pessoas passa fome, das quais mais de 200 milhões são crianças. Mais de 02 bilhões de pessoas ainda cozinham com lenha. No Brasil, analfabetismo na taxa de 11 milhões de pessoas (6,6% da população, dados de 2019). Ao mesmo tempo, como sociedade, avançamos de forma desigual em uma esfera de alta tecnologia

que requer uma nova teoria do valor conhecimento, daí a necessidade da inclusão digital. Como educadores e pesquisadores, sabemos que há evidências que já nos mostram ser hoje a tecnologia o principal fator de produção, transformação e desigualdade social. Que conhecimentos e que competências digitais traremos às nossas discussões, aos nossos projetos pedagógicos, às nossas aulas? Teóricos apontam um novo referencial nesse sentido: a equidade passará pelo acesso à tecnologia – do capital intelectual ao capital cognitivo. Em nosso contexto de educação jesuíta, quais provocações, quais meios e qual formação defenderemos, tendo em vista esse novo mundo?

- **A colaboração no ato de ensinar e aprender.** Aqui, considero possível a construção de comunidades aprendentes que envolvam a todos, integrando escola, família, sociedade. A pandemia nos mostrou essa possibilidade. Igualmente, o Papa Francisco nos tem provocado nesse sentido, naquelas que são as grandes defesas do Pacto Educativo Global: é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. Em um contexto social pós-fático, resulta desse processo uma sadia interrelação, com pessoas que dialogam de forma equilibrada, ética e a partir do conhecimento. Aqui, em especial, o trabalho cooperativo entre educadores, para além dos estrelismos individuais, constituindo aprendizagens de forma cooperativa e interrelacionada.

São breves leituras que faço a partir do momento, recolhendo o vivenciado e dialogando com os direcionadores desse Ano Inaciano. Faz-se necessário ver novas todas as coisas em Cristo. Assim, sinalizo que as três dimensões acima expostas nos auxiliam a sintetizar a compreensão pedagógica sobre o momento: epistemologia (exercício do pensar), tecnociência (pedagogia filosófica da cultura), ética (intersubjetividade do agir e da razão prática da vida ética aplicada à educação).

Parece-me que os seis referenciais expostos conversam com processos em curso em nosso Colégio, no trato entre estudantes, comunidade interna e famílias. Da Educação Infantil

ao Ensino Médio, experienciamos um pouco disso tudo, integrando tempos, espaços e sujeitos frente ao aprender integral tal como o compreendemos. Talvez nos seja desafiador um exercício de síntese, recolhendo fundas, estruturando projetos, currículo, formação de educadores, aprendizagens realmente pertinentes para um futuro decente, em continuum pedagógico. Penso ser esse um dos grandes desafios para o presente; ao mesmo tempo, oportunidade.

Se a crise nos desinstala, o Ano Inaciano nos remete ao ordenamento, vendo novas todas as coisas em Cristo. A Direção Acadêmica me exige olhar apurado acerca das variantes que nos cercam para, então, apontar caminhos. Tenho consciência de que outras são as análises possíveis, e esse recorte por mim estabelecido deu-se a partir de alguns dos direcionadores que, pela prática, tenho procurado melhor compreender e responder.

Assim sendo, parece-me oportuno relacionar à reflexão aqui exposta a seguinte tese: de diferentes formas, as dimensões elencadas problematizam rumos para uma educação diante da crise e da esperança em um contexto pedagógico inaciano ao defender traços de:

- *Uma educação aprendente e dialogante com a cultura, cidadã e global, de excelência e com equidade, justa, em um espaço colaborativo, onde estudantes aprendam a se reinventar.*
- *Uma educação em rede em que os conhecimentos não sejam fragmentados.*
- *Uma educação que ensine para a autonomia do pensar, com discernimento.*
- *Uma educação que forme em ações afirmativas e emancipadoras.*
- *Uma educação integral coerente e testemunha da vida.*

Somos um Colégio Católico Jesuíta. Pensemos sobre tais defesas e integremos conhecimentos, aprendizagem e vida. Não tenhamos medo de inovar, romper barreiras, provocar mutuamente, trazer diferentes sujeitos para os territórios do aprender. Há um *pathós* (do grego - paixão) que nos move a ampliar horizontes. Talvez esteja em nossas mãos

a capacidade de educar jovens agentes para a mudança em um *ethos* cristão em favor da justiça em um país mais inclusivo e preocupado com a casa comum.

Concluo com Alvin Toffler, ao citar a nossa colaboração na construção responsável desse futuro. Em um escrito de 1970, o autor compara nosso mundo com um “trem que está adquirindo velocidade e deslizando por uma estrada onde um número ignorado de agulhas o conduzem a pontos de destino desconhecidos. Não há um só cientista na locomotiva, mas pode haver demônios nas agulhas. A maioria da sociedade vai no vagão de reboque, olhando para trás”.

A partir dessa citação, Padre Pedro Arrupe nos provoca: “o amor que o cristão tem aos homens o impelirá a instalar-se na locomotiva e a guiar eficazmente o trem na direção adequada. Mas isso exige domínio dos comandos, conhecimento do território para onde se caminha, sistema para o controle das agulhas e inclusive dos demônios que regem as agulhas. Na locomotiva não bastam homens de boa vontade, nem sequer mais cientistas de que nos fala a citação: são necessários pensadores profundos e até homens espirituais, exorcistas que saibam conjugar os demônios que regem o mundo”. (Nossos Colégios, P. 62).

Para aonde se dirige o nosso olhar e com o que estamos comprometidos? Convido a uma leitura aprofundada do momento, recolhendo fundas e vendo novas todas as coisas em Cristo. Gratidão por todos aqueles que conosco partilham essa jornada, testemunhando e semeando esperanças.

